

OLIVEIRA, Jelson R. Compreender Hans Jonas. Petrópolis: Vozes, 2014. ISBN 978-85-326-4824-2**Eduardo Augusto G. B. Moreno¹**

Jelson Roberto de Oliveira, autor de “Compreender Hans Jonas” (novo título da “coleção compreender”, pela Editora Vozes), é graduado em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná (1999), com especialização em Sociologia Política e mestrado em História da Filosofia Moderna e Contemporânea pela mesma universidade (2004). Atualmente é professor da pós-graduação em Filosofia na PUC-PR, e coordenador do GT Hans Jonas, da Anpof, que reúne vários pesquisadores de nível nacional na área. *Ética para a civilização tecnológica* e *A solidão como virtude moral em Nietzsche* são alguns dos diversos títulos que compõem o acervo de obras do autor.

Jelson organiza o livro em seis capítulos, traçando a trajetória intelectual de Hans Jonas ao longo do século XX. O primeiro capítulo do livro é dedicado a uma breve apresentação biográfica de Jonas, bem como à apresentação das produções filosóficas mais importantes do mesmo. É nesse primeiro momento que Jelson pontua as informações básicas para a pergunta “quem foi Hans Jonas?”, aproveitando para enumerar de forma direta os livros que fizeram parte do patrimônio literário do filósofo, os quais vão de *Agostinho e o problema da liberdade em Paulo*, publicado em 1930, até *Filosofia: visão retrospectiva e antecipada ao fim do século*, de 1993.

No segundo capítulo, Jelson trata dos estudos de Jonas acerca do gnosticismo e da especial atenção que o filósofo alemão deu à questão do dualismo. O autor apresenta a gênese de todo o sistema filosófico de Hans Jonas, sob a égide do *A religião gnóstica: a mensagem do Deus estranho e os primórdios do cristianismo*, situando-a no período em que Jonas passou pesquisando o fenômeno gnóstico e suas influências no Ocidente. Os estudos iniciais de Jonas constituíram, grosso modo, um esforço de encontrar a essência (unidade) do gnosticismo – utilizando, para tanto, como instrumento hermenêutico, o método existencialista de Heidegger –, e de expor de que maneira o gnosticismo foi decisivo como fator de influência na formação cultural e intelectual do Ocidente. A partir de seus resultados, Jonas acreditava que seria possível uma maior compreensão acerca da história do Ocidente e do estágio atual da civilização.

O problema do dualismo é fundamental para o entendimento do pensamento de Jonas, e Jelson mostra como ele se desenvolveu na história, e em que aspectos marcou a filosofia jonasiana. Num movimento de reação à dominação exercida pela civilização greco-romana, as civilizações orientais impregnaram o universo helenístico com a sua cultura religiosa. O cristianismo, em pleno surgimento, recebeu da mesma forma a carga do gnosticismo religioso vinda do Oriente, e atuou como facilitador do sincretismo que ocorreu nesse período. O dualismo, traduzido nas dicotomias Deus e mundo, Deus e homem, mundo e homem, torna-se um aspecto do gnosticismo cuja propagação em terras ocidentais acaba por ser inevitável. Jonas, como apresenta Jelson, vai reconhecer que esse dualismo alastrou por todo o pensar da civilização ocidental, influenciando no seu modo de atribuir valores às coisas e à natureza, e em seus modos de agir perante o mundo.

¹Graduando em Filosofia pela Universidade Federal do Piauí. Bolsista de PIBIC/CNPq.

No terceiro capítulo, *Por uma ontologia da vida*, Jelson deixa claro logo nas primeiras páginas que o objetivo do capítulo será responder como a questão da interpretação da vida como fenômeno é tratada por Hans Jonas. Em seu esforço de fomentar uma filosofia da biologia ou uma ontobiologia, Jonas propõe um estudo acerca da liberdade que existe na vida ela mesma – na vida que é “vívida” – bem como da necessidade que é própria de toda a vida. A análise de Jonas é veiculada pela fenomenologia, que é a perspectiva filosófica herdada de seus mestres, Heidegger e Husserl, e que constituirá parte essencial de todo dos estudos do filósofo. O principal objetivo de Jonas, em suas pesquisas no campo da biologia, principalmente em *O princípio vida*, é fornecer justificativas filosóficas para afirmar que a existência da vida e da natureza tem algum sentido, o qual é encontrado nelas mesmo, assim como a vida do ser humano tem sentido quando este se abre para o mundo por meio da técnica; e, dessa forma, finalmente dissolver o dualismo que se encontra difundido no pensamento Ocidental desde o princípio da Era Cristã.

A técnica, entendida por Jonas como a forma pela qual o ser humano se abre para o mundo, é, talvez, um dos pontos mais importantes de todo o programa filosófico jonasiano, e é dele que tratará o autor de “Compreender Hans Jonas” no capítulo quatro, *A questão da técnica*. Jelson vai mostrar como Jonas caracteriza a técnica pré-moderna, ainda pouco desenvolvida, sendo um processo lento e estático, e a técnica moderna, representada historicamente pelas revoluções agrícolas e industriais. O autor explicita as quatro razões oferecidas por Jonas para justificar a distinção entre uma espécie de técnica e a outra, quais sejam: a neofilia, ou o desejo pelo que é novo, pelo avanço; a certeza de que as inovações técnicas garantem de que se espalharão pela comunidade científica; a relação alterada entre meios e fins, na qual tanto os fins podem estabelecer os meios quanto o contrário, numa relação circular e dialética; e, por fim, o fato de que na Era Moderna o progresso tecnológico é um impulso incerto, alheio às vontades humanas.

O autor explica, ainda, onde Hans Jonas localiza no tempo e no espaço o início da transformação da técnica; o ponto na história da humanidade onde se deu o avanço da técnica, e que dela decorrem questões éticas urgentes da nossa época. Todo o processo de revolução no pensamento científico, marcado pelo dualismo já citado, que separa matéria e espírito, natureza e ser humano, é o grande fator de transmutação da técnica característica da Antiguidade para a técnica moderna.

A questão da técnica é um problema para a modernidade no que se refere aos desafios éticos que são lançados ao homem moderno, como indica Hans Jonas. De acordo com Jelson, são cinco os motivos que reconhece Jonas para classificar a técnica como um problema de cunho ético. Começando pela ambivalência dos efeitos típicos da técnica moderna: não é difícil perceber que, assim como são capazes de gerar grandes benefícios, os avanços tecnológicos podem proporcionar imensas catástrofes, se utilizados para fins maléficos. Tal possibilidade de causar danos constitui o aspecto de ambivalência da técnica, e tudo o que tiver o poder de gerar malefícios ou benefícios é questão de ordem ética.

O segundo ponto trata da automaticidade da aplicação da técnica. A forma como a tecnologia é aplicada sugere uma espécie de movimento vital permanente, como se crescer e se desenvolver tecnologicamente fizesse parte do processo de sobrevivência de um organismo. As ações são impensadas e, por isso mesmo, precisam ser eticamente avaliadas.

O terceiro e quarto aspectos dizem respeito ao tempo e espaço em que a técnica é aplicada, e em qual âmbito está localizada a nova proposta do agir ético de Jonas. O que Jonas afirma, explica Jelson, é que, com o advento da técnica moderna, houve uma ampliação da dimensão espaço-temporal em que esta é aplicada. O âmbito das relações imediatas e urgentes com outros indivíduos é substituído agora por um campo mais amplo de relações, qual seja a da humanidade com a própria humanidade, incluindo as gerações vindouras, e com a natureza.

A última justificativa trata de uma aproximação do problemada técnica à questão da metafísica: se o ser da humanidade deve continuar a existir, como fazer para que a ameaça da catástrofe apocalíptica da técnica não se efetive? A ética da responsabilidade, de Hans Jonas, vai oferecer os subsídios necessários para que a humanidade perceba que vive na zona de perigo de sua extinção, e de que maneira deve proceder para, se não for possível retroceder, ao menos estancar os seus passos em direção à destruição da espécie.

Dando prosseguimento à sua exposição, Jelson explica, no quinto capítulo, no que consiste a ética da responsabilidade, produto da filosofia de Jonas que lhe rendeu a relevância intelectual que este tem no campo da ética (teórica e prática). A ética da responsabilidade surge como uma alternativa para o agir do homem, com vistas a frear os danos que são causados à natureza e ao homem por intermédio da técnica. Jelson mostra que Jonas entende a sua nova proposta ética como um meio de exercer poder sobre o poder da técnica, tendo em vista que seu alcance é tão amplo e profundo que tal poder está mesmo fugindo do controle e tomando proporções apocalípticas. A responsabilidade ética se concretizaria por meio do temor ao desconhecido, temor ao poder que agora o homem detém, e que, sem a observância de um novo poder sobre tal poder, deverá ser o grande causador do futuro indesejável das gerações que estão a vir.

Em seu sexto e último capítulo, Jelson apresenta a discussão mais atual e polêmica que é suscitada pelo o programa filosófico de Hans Jonas. São questões como a bioética, a ética no uso das biotecnologias, os debates acerca da clonagem humana e os problemas relacionados à eutanásia (e afins) que são abordadas no capítulo *Responsabilidade nos experimentos com seres humanos*. O foco da discussão é, essencialmente, a responsabilidade ética que um indivíduo deve assumir com relação aos outros indivíduos, deixando um pouco de lado a presença da natureza como detentora dos meios que tornam possível a vida humana no planeta.

Jelson consegue, em sua nova obra, transmitir com clareza as ideias fundamentais de Hans Jonas, apresentando uma verdadeira linha do tempo dos estudos do filósofo alemão, e dos conceitos que permearam a sua filosofia, os quais foram certamente se desenvolvendo ao longo dos anos. As subdivisões certeiras dentro de cada capítulo e o vocabulário acessível ao público em geral tornam a leitura de *Compreender Hans Jonas* uma verdadeira – como o próprio Jelson coloca – experiência de “pensar com Hans Jonas”.